O QUE É SER ACADÊMICO

José Carlos de Andrade Moura*

Eliel Judson Duarte de Pinheiro**

Geraldo Cezar de Vinhaes Torres*

Josélio de Andrade Moura*

Wilma Albuquerque Franco*

As academias científicas são instituições universais que tiveram origem em terras helenísticas. Foram concebidas como espaço para produção intelectual, com finalidade definida de acordo com a situação sociocultural de cada região.

A exemplo, a Academia Baiana de Medicina Veterinária – ABAMEV, fundada em 09 de setembro de 1999, é uma sociedade civil, cultural, científica e social sem fins lucrativos. Tem por finalidade promover o desenvolvimento cultural e científico da Medicina Veterinária baiana e brasileira; cultivar o estudo da Deontologia, da História dos fatos marcantes das Ciências médico-veterinárias; contribuir para o progresso da ciência, homenageando os médicos veterinários, que com seus exemplos estimularam a formação de outros profissionais; colaborar com o poder público e a iniciativa privada para solução de problemas que envolvam a Medicina Veterinária e não por último,

organizar, proteger e difundir a memória da Medicina Veterinária baiana.

Para ser acadêmico da ABAMEV é preciso observar, basicamente, o que dispõe o parágrafo 4º do Estatuto da academia, ou seja: (1) ser médico veterinário por tempo não inferior a 15 anos, com domicílio no Estado da Bahia e registrado no Conselho Regional de Medicina Veterinária da Bahia; (2) possuir atividade científica, profissional ou docente e trabalhos publicados devidamente documentados, significando contribuição efetiva para o desenvolvimento da Medicina Veterinária ou benefício para a comunidade; (3) apresentar requerimento pessoal à Diretoria expressando o desejo de participar da seleção para integrar o quadro da academia.

A questão de ser acadêmico está justamente no item (3) supracitado. Onde o pretendente expõe publicamente a sua vontade de ser acadêmico. Aí surge a questão prática, ser efetivamente um membro atuante ou apenas um acadêmico de currículo?

O capítulo III – Art. 10º do Estatuto da ABAMEV dispõe sobre os deveres dos Acadêmicos Titulares. Entre outros destacam-se: (a) acatar fielmente as decisões da Assembleia Geral e da Diretoria (como por exemplo as convocações para reuniões e trabalhos específicos); (b) seguir o Estatuto e o Regimente Interno; (c) cumprir pontualmente suas obrigações junto à Tesouraria e (d) informar à Secretaria a mudança de endereço, telefone e correio eletrônico.

O acadêmico precisa ter consciência de que não existe a imortalidade para ele. Imortal são os patronos, os quais devemos cultuar e ter os seus legados como exemplos a seguir e a difundir. Essa afirmação é corroborada por Peter Fischer (Jornal da APUB, Nº 57, 2016): ***“ o capital intelectual garante a imortalidade se a***

definirmos como presença entre os vivos após a morte. Serão imortais os que forem lembrados. A morte é o esquecimento. A imortalidade, pela ação do intelecto, não é uma recompensa, mas a consequência de seu uso”.

O acadêmico precisa ter consciência que não é velho, haja vista, a existência preconceituosa de alguns indivíduos. Segundo a história, esse preconceito foi cunhado de forma marcante em 09 de novembro de 1967, quando em um cortejo festivo para transmissão de cargo entre reitores na Universidade de Hamburgo, dois estudantes (Detlev Albers e Gert Hinnerk Behlmer) do então grêmio estudantil interceptaram o cortejo com uma faixa em que dizia: ***“Sob as vestes talares mofo de 1000 anos”***. Os estudantes protestavam pela persistência de influências do extinto partido nacional-socialista (1933-1945) sobre a sociedade alemã no pós-guerra e em especial no meio universitário. Criticavam as estruturas elitistas universitárias e exigiam democracia com mais participação discente na estrutura acadêmica (https://de.m.wikipedia.org/wiki/Unter_den_Talaren_–_Muff_von_1000_Jahren).



Esse acontecimento foi bastante divulgado pela imprensa, ultrapassando as fronteiras alemãs, influenciando outras universidades mundo a fora, principalmente nos anos 60 e setenta.

Conjecturando as relações entre acadêmico curricular, mofo com a imobilidade acadêmica, pensa-se então no ponto vista funcional, que esses fatores conduzem realmente para perda da capacidade de uma instituição no desempenho de suas atividades.

Assim observa-se que de um lado, o sucesso de uma academia científica está em cumprir sua finalidade e o resultado das ações representa simplesmente as atividades e esforços desprendidos pelos acadêmicos. Por outro lado, o acadêmico apenas de currículo contribui para o fracasso.

O acadêmico precisa ter consciência daquele momento maior, quando passa a usar a mais emblemática insígnia da Academia que é o Capelo.



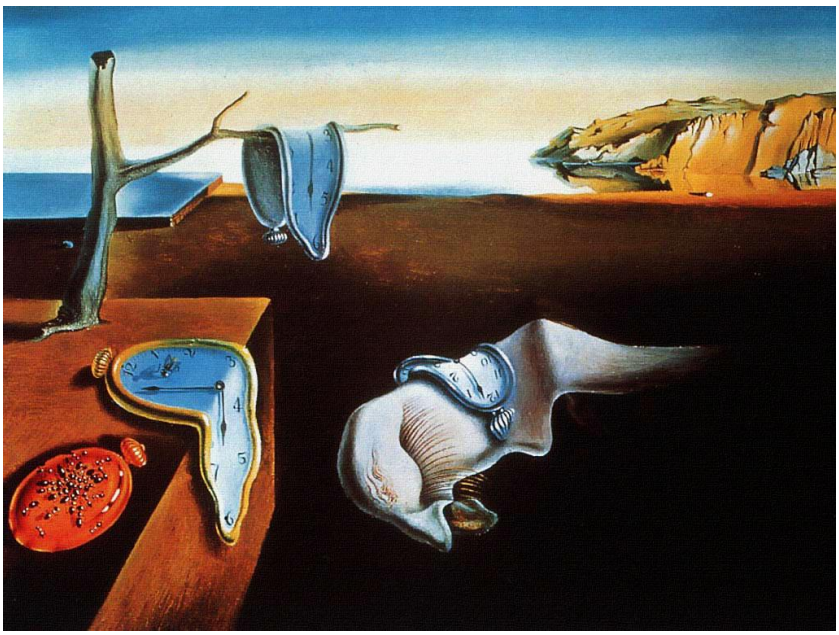
A sua cor **VERDE** significa a “Ciência Veterinária”, enquanto que o **DOURADO** está associado a “ideais mais elevados, sabedoria, humildade, compreensão e iluminação”.

A concepção do uso do capelo não deve ser apenas física de um adorno representativo, mas sobretudo, de uma fonte de inspiração de amor e responsabilidade para com a ***"deusa"*** – segundo o Prof. Ardson José Leal - ***a Medicina Veterinária***.

O acadêmico precisa ter consciência que estamos numa época ultramoderna, repleta de tecnologias inimagináveis, que proporcionam o encurtamento das distâncias geográficas e culturais, onde tudo muda de forma incontrolada. É preciso então estar sempre vigilante para buscar e manter os elementos necessários para preservar e divulgar a memória da Medicina Veterinária, sob o risco de não termos uma história para as futuras gerações.

Uma boa reflexão é a interpretação de Ricardo Costa (2007 - http://www.ricardocosta.com/artigo/historia-e-memoria-importancia-da-preservacao-e-da-recordacao-do-passado), sobre o quadro do pintor catalão Salvador Dalí que retrata a perda da memória do homem contemporâneo (1931):

"Um delírio comestível, nascido de um sonho que teve de um queijo C*amembert* escorrendo (o tempo que come e também se come). O relógio no centro da tela parece aludir a uma sela sobre o cavalo branco ou, no tema que interessa, um chapéu na cabeça de um homem com bigode, esbaforido, com a língua de fora, exaurido e angustiado por sentir que sua memória se esvai e derrete como um queijo. Um homem sem memória é como um relógio que se derrete".



*Acadêmicos Titulares das Academias Baiana e Brasileira de Medicina Veterinária.

** Acadêmico Titular da Academia Baiana de Medicina Veterinária e da Academia Baiana de Educação.